



O CÃO NEGRO DE WINSTON CHURCHILL

Anthony Storr

Neste ensaio, o psiquiatra inglês Anthony Storr desenvolve uma curiosa hipótese a respeito de Winston Churchill, analisando um traço pouco conhecido de sua personalidade: a depressão que o acompanhou por toda a vida, e que o próprio Churchill apelidou de "cão negro".

De todas as batalhas que o estadista inglês enfrentou, é essa contra o cão negro — a sua depressão — que explica, segundo Storr, suas atitudes e a vida política. Para Storr, a Segunda Guerra Mundial foi o período propício para o surgimento político de Churchill, pois "o que a Inglaterra precisava não era um líder equilibrado e razoável, mas sim um profeta, um herói visionário... E Churchill foi esse herói visionário".

O ensaio foi transcrito e condensado da Revista Relações Internacionais, agosto de 1978, editada pelo Centro de Documentação Política da Universidade de Brasília.

O psiquiatra que se lança a um estudo de caráter de um indivíduo que nunca encontrou pessoalmente se engaja num projeto repleto de riscos. No exercício de sua profissão, o psiquiatra tem uma oportunidade incomparável para a avaliação do caráter, e deve justamente alegar que ele conhece mais pessoas profunda e intimamente que a maioria de seus companheiros. Mas, quando se trata de alguém que já faleceu, ele fica despojado daqueles critérios especiais que somente podem ser obtidos num consultório, e é, como o historiador, obrigado a se basear nas evidências escritas disponíveis. No tratamento analítico de um paciente, o psiquiatra é capaz de verificar a validade das hipóteses que ele levanta, através da resposta do paciente, e pelas mudanças que ocorrem no paciente como resultado da sua crescente compreensão de si mesmo. O psiquiatra pode, freqüentemente, estar errado ou um pouco adiantado em sua interpretação do comportamento e caráter de seu paciente; mas, como o longo processo de análise continua, os erros serão gradualmente eliminados e a verdade reconhecida por ambas as partes no procedimento analítico. Despojado da constante avaliação e reavaliação, os psiquiatras que empreendem estudos biográficos de homens famosos estão aptos a permitir que a teoria se subtraia à discrição: com o resultado que muitas das tão faladas biografias psicanalíticas foram más biografias e más psicanálises. O desastroso estudo de Woodrow Wilson por Fraud e Bullitt é um caso em questão.

Neste ensaio, desenvolvo uma hipótese a respeito de Churchill, que acredito ser garantida pelos fatos. Mas o que tenho a dizer deve ser considerado como tentativa, pelas possibilidades de erro neste campo complicado, que são muito grandes.

Embora o próprio Churchill desse muitos detalhes autobiográficos, especialmente em *My Early Life*, estes não são a espécie de detalhes que estão muito a serviço do psiquiatra. Pelo que toca a Churchill, este mostrava tão pouco interesse nas complexidades de sua própria psicologia como na de outrém; e seria o primeiro a rejeitar este ensaio como fútil e impertinente. Além disso, como C. P. Snow afirma no seu ensaio *Variety of Men*, o caráter de Churchill era impenetrável para a maior parte das formas de introspecção. Seus feitos, discursos e carreira têm sido profusa e repetidamente recordados, mas muito pouco do que tem sido escrito a seu respeito revela algo de sua vida interior. Embora Churchill possa ser considerado um artista, tanto como escritor quanto como pintor, ele não era, como muitos artistas, introspectivo ou preocupado com seus próprios motivos. Certamente se ele o fosse, mal poderia ter alcançado o que conseguiu, devido à introspecção ser cúmplice de autodesconfiança e inimiga da ação. Winston Churchill é ainda idolatrado, não somente por aqueles de nós que lembramos dos seus discursos, em 1940, e que acreditam como eu, que foi à sua coragem que devemos nossa libertação da tirania nazista, mas pelos homens e mulheres de todo o mundo para quem ele se tornou um símbolo, a personificação do heroísmo. Mas Churchill era também um ser humano, com as mesmas necessidades, instintos, esperanças e temores de todos nós. Não é prejuízo para um homem famoso o fato de chamar a atenção para seu humanismo, ou apontar que, como outros homens ele teve imperfeições e falhas. Churchill, apesar do seu nascimento aristocrático e da sua posição social, começou a vida com desvantagens que ele nunca dominou por inteiro, embora toda sua carreira fosse um esforço para superá-los. Sem essas desvantagens ele teria sido um ser humano mais comum, mais feliz e bem equilibrado. Mas tivesse sido ele um homem estável e equânime, nunca poderia ter influenciado a Nação.

Em 1940, quando tudo estava contra a Grã-Bretanha, um líder de julgamento sóbrio podia bem ter concluído que estávamos perdidos. Os líderes políticos estão acostumados à dissimulação. Mesmo quando a derrota é iminente, ou as políticas que eles propugnam demonstraram ser fúteis, continuarão, até à última hora, a imprimir mensagens de esperança para seus partidários. Em 1940, qualquer líder político podia ter tentado incitar a Grã-Bretanha com palavras corajosas, embora seu coração estivesse cheio de desespero. Mas somente um homem conhecedor do desespero, e que o enfrentava, poderia transmitir convicção em tal momento. Somente um homem sabedor do que era discernir o esplendor de esperança numa situação desesperadora, cuja coragem estava além da razão e cujo espírito agressivo se inflamava no seu estado mais violento quando era cercado de inimigos, podia ter conferido realismo emocional às palavras de desafio que nos incitavam no ameaçador verão de 1940. Churchill era tal homem; e era porque toda sua vida conduziu uma batalha com seu próprio desespero que ele podia transmitir a outrém a convicção que tal estado podia ser superado.

Tanto Winston Churchill quanto seu ancestral, o primeiro Duque de Marlborough sofriam de prolongados e periódicos ataques de depressão; e nenhuma compreensão de seu caráter é possível, a menos que este fato seja levado em consideração. Seu nome para depressão era "Cão Negro": e o fato de ele ter um apelido

para seu problema, argumenta-se que este era um companheiro bem familiar. Em momentos importantes de sua vida, Churchill obtinha sucesso dominando seu estado depressivo; mas a idade avançada e a contração de suas artérias cerebrais finalmente minaram sua saúde. Os últimos cinco anos de sua prolongada existência foram tão melancólicos que mesmo Lorde Moran os encobre. Foi um fato cruel que Churchill sobrevivesse até os noventa anos; porque, apesar do "Cão Negro", que ele controlava nos primeiros anos, no final derrotou seu espírito de luta.

Churchill, naturalmente, não é um exemplo isolado de um homem famoso que sofresse de períodos de depressão. Goethe era de temperamento similar; assim também eram Schuman, Hugo Wolf, Lutero, Tolstoi e muitos outros. A relação entre grande realização e o temperamento depressivo tem que ser ainda determinada em detalhes, e é possível que em alguns temperamentos a depressão aja como um estímulo. Quando a depressão está aumentando o problemático cai em melancolia e numa passividade tal que chega ser difícil trazê-lo ao estado normal.

Evitar este estado de doença é de primeira importância; e o deprimido, antes que seu problema se torne grave, deve repetidamente esforçar-se a exercer atividades, negando descanso ou relaxamento a si mesmo e realizando mais do que a maioria dos homens são capazes, apenas porque não pode se dar ao luxo de parar.

Há ainda a discussão sobre até que ponto a tendência para tal estado é um produto hereditário ou o resultado dos primeiros condicionamentos. Mesmo a genética atual, avançada como está, não nos dá meios de responder tal pergunta corretamente.

No caso de Churchill, não é seguro assumir que ambos os fatores contribuíram. Sabemos que pelo menos dois dos mais ilustres ancestrais tinham abalos de temperamento de alguma gravidade; e há alguma evidência a sugerir que eles não eram os únicos membros da família a ter este problema. A. L. Rowse, escrevendo sobre o primeiro Duque de Marlborough, diz: "Marlborough era sensato no sentido francês, o indicador mais sensível de todas as impressões que vieram para ele. Um artista por temperamento em seus altos e baixos — depressão, dores de cabeça (quando enfrentava dificuldades) e o autocontrole que ele exercitava, tão habitualmente, que se tornou a segunda característica de sua personalidade.

O outro parente de Churchill que possuía o mesmo temperamento era Lorde Randolph, pai de Winston. A. L. Rowse escreveu a seu respeito: "ainda que um juiz muito vivaz e comovente de uma situação, seu julgamento não era realmente seguro. Ele era autodeterminado e impulsivo, acima de tudo, impaciente. Se ele tivesse somente tido paciência todo o resto teria se ajustado. Mas ele tinha o defeito do temperamento artístico, o que em nosso jargão psicológico diagnosticamos como alternância maníaco-depressiva: um tremendo bom humor e dispêndio excessivo de energia e muito desânimo e depressão em contrapartida. Este ritmo está presente num grau mais ou menos caracterizado pelas pessoas com capacidade criativa, particularmente nas artes. Claramente, este forte traço artístico observado na família apareceu nele".

Rowse erra ao pensar que a alternância maníaco-depressiva apresenta-se nas pessoas criativas, algumas das quais pertencem a um grupo temperamental muito diferente; mas ele está certo na sua diagnose da família de Churchill.

Um outro membro merece atenção neste parentesco Winston Churchill, que era pai do primeiro Duque de Marlborough. Um ardente monarquista, ele se aposentou em sua mansão em East Devon, depois que as tropas do Rei foram derrotadas na Guerra Civil. Lá ele se dedicou a escrever história: "Divi Britannici: uma Observação sobre as Vidas de todos os Reis da Ilha". Embora não estejamos informados detalhadamente a respeito da constituição de seu temperamento, A. L. Rowse o descreve assim: "Mergulhado em ressentimento, ele tinha, de qualquer forma, a consolação que as pessoas inteligentes têm quando derrotadas e desprotegidas: ler e escrever... Seu espírito não estava derrotado: transparece grande ardor no que ele escrevia".

O último e mais famoso Winston adotou o mesmo critério quando estava fora do escritório; e devemos agradecer que atividade criativa possa e dê uma defesa efetiva contra a depressão que ameaça os que dela sofrem quando não estão ocupados nem detendo uma posição de grande importância.

Brendan Bracken, citado por Moran, diz que cinco dos últimos sete Duques de Marlborough sofriam de melancolia; mas é difícil confirmá-lo, mesmo através dos livros de Rowse, que Bracken alega ser a fonte das suas informações. Parece que há pouca dúvida, entretanto, que o temperamento ciclotômico — que é a tendência para as mudanças de temperamento um tanto extremas — era parte da herança de Churchill.

Antes de abandonar a questão da hereditariedade, devemos observar sua constituição física.

É provável, apesar de não haver certeza a respeito, que o físico e a personalidade estejam intimamente ligados e que a estrutura e a forma do corpo reflitam influências genéticas mais do que ambientais. A mentalidade do homem sofre uma grande influência da forma em que ele é criado e educado. Seus dotes físicos, apesar de poderem ser até certo ponto modificados, provavelmente têm um caráter hereditário.

É evidente que Churchill dispunha de enorme vitalidade. Ele viveu até os noventa anos e, já aos oitenta, havia sobrevivido a um ataque do coração, três pneumonias, dois ataques apopléticos e duas operações cirúrgicas. De hábito ele comia, bebia e fumava o quanto desejava, e isso representava bastante. Até os setenta anos, poucas vezes se queixou de cansaço. Sem embargo, essa extraordinária constituição não se baseava no vigor físico comum. De fato, ele começara a vida com consideráveis desvantagens físicas. Como diz Lorde Moran: "Eu podia observar aquele menino, espancado e intimidado na sua escola, tornar-se um homem de pequena estatura, de braços delgados e desprovido de musculatura e de mãos alvas e delicadas, como as de uma mulher; não tinha pelos no peito e falava ciciando e com um pouco de tartamudez".

O próprio Winston Churchill reclamava, em uma carta escrita em Sandhurst, em 1893: "Fui amaldiçoado com um corpo tão fraco que mal posso aguentar as fadigas cotidianas. Porém, pretendo tornar-me mais forte durante a minha permanência neste lugar". Sua estatura era de, aproximadamente, 1,67 metro e seu tórax media apenas 78 centímetros, o que, tomando em conta as exigências de Sandhurst, era muito inadequado. Quando Wilfred Scawen Blunt, o poeta, encontrou-se com Churchill em 1903, ele o descreveu como "um rapaz de cabeça um tanto achatada e de aparência não muito significativa. A coragem, que tantas vezes e em certas ocasiões tão temerariamente demonstrou, não se apoiava em uma superioridade natural do seu porte físico, senão na sua determinação de ser resistente, apesar da sua falta de músculos e estatura. A sua busca do perigo no começo da sua juventude, e o risco que negligentemente correu na França — apesar de que seu comportamento colocava outras pessoas em perigo — testemunham o fato de que sua coragem não era algo que ele tomasse por óbvia e natural na sua personalidade, senão algo que ele se sentia obrigado a provar a si mesmo; uma compensação para suas dúvidas íntimas quanto à sua bravura.

Ninguém é imune ao medo; aqueles que foram naturalmente dotados de um físico avantajado, porém, são menos perturbados pelo perigo físico do que a maioria de nós. Churchill era extraordinariamente valente, mas a sua coragem tinha uma natureza mais admirável e surpreendente do que aquela que se baseia em superiores e inatos dotes físicos. Ele nunca esqueceu o fato de que na sua segunda escola preparatória, ele foi amedrontado por outros meninos que lhe atiravam bolas de "cricket" e que então ele havia se escondido atrás de umas árvores. Essa era uma lembrança vergonhosa para ele. De fato, ele se dispôs muito cedo a ser mais resistente do que qualquer outro. Quando tinha dezoito anos, quase morreu ao saltar de uma ponte para evitar ser capturado pelo seu primo e seu irmão, que o estavam perseguindo. Caindo de quase dez metros, sofreu o rompimento de um rim, permaneceu inconsciente por três dias e não pôde trabalhar por quase dois meses. Não há dúvidas quanto a imensa coragem de Churchill; esta, porém, se devia a sua determinação de vencer suas desvantagens físicas de quando jovem. De forma similar a de Demóstenes, cujo talento para a oratória é atribuído à sua determinação de superar um defeito da fala.

Houve muitas tentativas de descobrir uma relação entre o porte físico e a personalidade, dentre as que a de W. H. Sheldon é mais detalhada e bem sucedida. Sheldon pretendia reconhecer três componentes principais na estrutura física do homem. Ele os chamou um tanto exoticamente de endomorfia, mesomorfia e ectomorfia. Sheldon também elaborou uma escala de temperamentos que compõe-se de três conjuntos, que estão formados por características básicas que geralmente estão intimamente ligadas ao tipo físico da pessoa. As três principais variedades de temperamento são chamadas de viscerotonia, somatotonia e cerebrotonia. Quando examinamos Churchill, parece óbvio que seu porte físico era predominantemente endomórfico. Sua cabeça volumosa e o pequeno tamanho do seu tórax em relação ao seu abdômem, os contornos arredondados do seu corpo, e as pequenas proporções das suas extremidades são características disso. Da mesma forma sua pele, suave e regu-

lar, que era tão delicada que o obrigava a usar apenas roupa interior de seda, especialmente confeccionadas para ele. Poderíamos esperar que um homem, com esse físico, fosse de temperamento predominantemente *viscerotônico*, mundano, calmo, premeditado e previsível. Na realidade, Churchill consegue altos índices em onze características da *viscerotonia*, dentre um total de vinte, mas ele consegue quase o mesmo na *somatotonia*, isto é, um temperamento que está relacionado à estrutura física poderosa, forte e atlética do mesomorfo. De acordo com Sheldon, os homens, cujos temperamentos divergem muito daquele que corresponde ao seu físico, estão particularmente sujeitos a conflitos psicológicos, já que têm problemas com a sua própria estrutura emocional.

Churchill foi um homem muito mais agressivo e dominante do que se poderia esperar de alguém com o seu físico. Seu amor pelo risco, pela aventura, a sua energia e as suas afirmativas são traços que esperaríamos encontrar em um musculoso mesomorfo, mas que são inesperados em um homem de estrutura endomórfica como Churchill. Em outras palavras, temos a descrição de um homem que estava, até certo ponto, forçando-se a contrariar sua estrutura íntima, um homem que nem era muito forte nem tampouco corajoso, mas que conseguiu sê-lo, apesar do seu porte físico e dos seus dotes emocionais. Quanto mais examinamos Churchill como pessoa, mais somos forçados a concluir que a sua agressividade, coragem e dominância não se originavam na herança genética, senão que eram o resultado de uma decisão deliberada e de uma vontade férrea. "Posso parecer muito temível quando quero", disse ele ao seu médico. Mas a expressão desafiante de buldogue, que aparece nas suas fotografias mais conhecidas, não era evidente antes da guerra e, como Moran sugere, provavelmente foi assumida por ele ao proferir discursos frente ao espelho e posteriormente utilizada em ocasiões públicas apropriadas.

Antes de deixar a questão das características físicas e psicológicas e dedicarmo-nos às influências ambientais que formaram o caráter de Churchill, é interessante observar mais uma tipologia. O psiquiatra C. G. Jung, foi o responsável pela introdução dos termos "extrovertido" e "introvertido" na psicologia; a maior parte das pessoas está familiarizada com os traços gerais do significado desses termos. O extrovertido é a pessoa cujo interesse maior está nos acontecimentos e características do mundo exterior. O claustro da própria alma não preocupa muito a pessoa predominantemente extrovertida e nem lhe interessam demasiado as abstrações, idéias e sutilezas da filosofia. O interesse mais importante do extrovertido é a ação e não o pensamento. Quando perturbado, ele procura se distrair fazendo alguma coisa em vez de explorar sua vida interior para descobrir a causa do problema. Churchill era, sem dúvida, muito extrovertido. Ele demonstrava pouco interesse pela filosofia e nenhum pela religião, ao mesmo tempo que considerava irrelevante a psicologia.

A subdivisão jungiana dos tipos em pensamento, sentimento, sensação e intuição não tem sido aceita totalmente, mas a sua caracterização do extrovertido intuitivo em "Psychological Types" se aplica tão bem a Churchill, que as pessoas poderão se convencer de revisar o citado livro. Jung escreve:

“Sempre que a intuição predomina, uma psicologia distinta e inconfundível se apresenta no indivíduo... o intuitivo não há de ser encontrado entre os valores reais geralmente reconhecidos, mas ele está sempre presente onde existam possibilidades. Ele tem um agudo senso previsor para coisas prestes a surgir e túrgidas de possibilidades futuras... o pensar e o sentir, elementos indispensáveis da convicção, são para ele funções inferiores e desprovidas de peso decisivo; desse modo, elas não contam com o poder de oferecer qualquer resistência séria em relação à intuição.”

Essa, a razão, segundo Jung, da falta de juízo dos intuitivos e também da sua pouca consideração pelo bem-estar dos seus semelhantes. O intuitivo, não poucas vezes, é execrado como desapiedado e como aventureiro imoral — termos amiúde aplicados a Churchill na sua juventude — e, sem embargo, não tem rival no que se refere a sua capacidade para inspirar coragem entre seus semelhantes ou para inflamar o entusiasmo destes por algo novo.

No seu extremamente interessante ensaio sobre Churchill, C. P. Snow alude a sua falta de critério. De fato, Snow o descreve como seriamente deficiente, e continua: “O critério é algo belo; mas não é tão raro. Uma compreensão profunda é muito mais rara. Churchill tinha lampejos dessa classe de compreensão, gerados pela sua própria natureza, independentemente de influências e não devendo nada dela a ninguém senão a si próprio. Às vezes esta compreensão era um melhor guia do que o seu critério; na gravíssima crise durante a que assumiu o poder, houve momentos em que o critério racional podia ser — se bem que não necessariamente — uma fonte de fraqueza.

Quando Hitler assumiu o poder, Churchill não usou o seu critério racional, senão uma das suas profundas percepções. Aquilo era um perigo absoluto, e não havia nenhum atalho para evitá-lo. Aquilo era o que precisávamos (o que a Inglaterra precisava). Era uma ocasião única na nossa história, e teria de ser apreendida por um líder nacionalista. Muita gente de esquerda podia ver o perigo, mas não sabia como o país deveria ser manejado e unificado.”

Acredito que esse tipo de percepção a que se refere C. P. Snow poderia também ser chamado de intuição. A intuição, por muitas razões, não é um guia em que se possa confiar, e algumas das intuições de Churchill eram muito erradas. Durante a Primeira Guerra Mundial, a invasão de Gallipoli — sua concepção estratégica mais importante — foi um fracasso. As suas idéias acerca do desenvolvimento do tanque de guerra, porém, e apesar de não terem sido utilizadas eficientemente na época, sem dúvida, tiveram êxito. Vale a pena anotar que já em 1917 ele esquematizou o projeto de um transporte para o desembarque de tanques e também algo muito parecido aos molhes desmontáveis utilizados na invasão da França, em 1944. Sua intuição estava certa pelo menos tantas vezes quanto errava, e ele estava certo — como quando previu a ameaça de Hitler e, posteriormente, quando vislumbrou o perigo de uma dominação soviética da Europa — em momentos em que outros, possuidores de critérios mais equilibrados, não enxergavam o aspecto verdadeiramente importante de uma questão. A descrição do extrovertido que faz Jung tem muitos pontos que podem ser aplicados a Churchill. Como aponta Jung, ao extrovertido

falta critério. Churchill nunca pôde pensar por um período muito longo. Apesar de que tinha idéias brilhantes, a razão quase que não o influenciava e ele não era capaz de acompanhar o desenvolvimento de uma argumentação, quando esta lhe era apresentada por outros. Sua famosa exigência de que todas as idéias a ele submetidas se limitassem a uma meia-página de papel é ilustrativa deste fato. Alambrooke escreve dele no seu diário de guerra: "a estratégia planejada não era seu forte. Ele preferia trabalhar baseando-se na sua intuição e nos seus impulsos... nunca foi bom para examinar todas as implicações de qualquer linha de ação que apoiou. De fato, amiúde ele se recusava a examiná-las." Também é verdade que ele tinha deficiências em muitos aspectos do seu sentimento. Churchill tinha pouca noção dos sentimentos dos outros. Por três vezes, ele prometera a Alambrooke o comando supremo das forças aliadas. Sem embargo, quando finalmente se decidiu que a invasão da Europa seria confiada a um comandante americano, Churchill pareceu não se dar muita conta do profundo desapontamento que Alambrooke sentiu. Ele não percebeu o quanto aquilo significava para mim. Não demonstrou nenhum sentimento de solidariedade e nem ofereceu desculpas pelo fato de ter tido que mudar sua decisão e tratou do problema como se fosse algo desprovido de importância. Nas palavras de Jung, "a consideração pelo bem-estar dos seus semelhantes é pouca".

Todos os que trabalharam com Churchill admiraram a sua enorme capacidade de ter novas idéias, aquela corrente aparentemente inextinguível de inventividade que brotava dele, tanto quando era *Home Secretary* quanto, depois, quando Primeiro-Ministro e chefe do esforço de guerra. Todos os que com ele trabalharam também são unânimes em dizer que ele necessitava ser restringido ao máximo e que muitas das suas idéias teriam sido desastrosas se levadas à prática.

Na terminologia jungiana, Churchill seria um extrovertido intuitivo. Na classificação de Sheldon, ele seria predominantemente endomorfo e dotado de um forte componente secundário mesomorfo. Nos termos da psiquiatria clássica, ele teria um temperamento cíclico com uma pronunciada tendência à depressão. Essas classificações descritivas, apesar de sobrecarregadas de jargão psiquiátrico, ainda têm o valor de serem abordagens do caráter, mas revelam muito pouco da dinâmica da vida interior da pessoa. O que se segue é uma tentativa, conquanto tenha de ser especulativa apenas, de examinar algo da estrutura psicológica de Churchill na medida do que for possível.

Começemos considerando de forma mais profunda o "Cão Negro", de Churchill. Lorde Moran, que mais do que a maioria das pessoas se deu conta da importância que a depressão tinha na psicologia de Churchill, menciona este fato pela primeira vez no seguinte trecho do seu livro:

14 de agosto de 1944

O Parlamentar estava com um ânimo filosófico hoje:

"Quando era jovem", ruminou, "por dois ou três anos houve um eclipse em minha vida. Eu desempenhava minhas funções, comparecia à Câmara dos Comuns, mas uma negra depressão se apossava de mim. Esse fato me ajudou a falar

com Clemmie acerca do meu problema. Não gosto de permanecer próximo à borda de uma plataforma quando um trem expresso está passando. Prefiro ficar para trás e, se possível, postar-me de trás de uma coluna que me separe do trem. Não gosto de estar ao lado de um navio e fitar a água. Um ato de um segundo poderia terminar com tudo. Umhas poucas gotas de desespero. E sem embargo, não quero abandonar o mundo em absoluto nesses momentos. Sabe-se muito acerca da preocupação, Charles? Ela me ajuda a fazer uma lista de seis coisas que estejam me preocupando em um dado momento. Duas delas, digamos, desaparecem: nada pode ser feito das outras duas e logo não há porque preocupar-se por elas, e duas talvez possam ser resolvidas. Li um livro americano acerca dos nervos, "The Philosophy of Fate", e me interessou muito."

"Seu problema", disse eu — isto é, aquilo do Cão Negro —, você herdou dos seus antepassados, e lutou contra ele toda a sua vida. Essa é a razão para o seu desgosto por visitas a hospitais. Você evita sempre tudo que seja deprimente."

Winston fitou-me como se eu soubesse demais. Mais adiante no seu livro, Lorde Moran cita uma conversa com o agonizante Brendan Bracker.

"Você e eu pensamos que Winston é indulgente consigo mesmo; ele nunca se negou a nada, mas quando era apenas um menino, ele deliberadamente começou a mudar sua natureza, a ser duro e cheio de rudeza.

"Não foi fácil para ele. Veja bem, Charles, Winston sempre foi um "desesperado". Orpen, que o retratou depois dos acontecimentos nos Dardanelos, costumava falar da tristeza do seu rosto. Ele o chamava o homem do infortúnio. Winston estava certo então de que não desempenharia nenhum outro papel na vida pública. Não parecia haver nenhuma razão para viver, e isso o entristecia muito. Depois, nos seus ermos anos de antes da Segunda Guerra Mundial, ele dizia, uma e outra vez "estou acabado". Dizia isso aproximadamente duas vezes por dia. Ele tinha bastante certeza de nunca tornar a ocupar um cargo público, porque todos pareciam considerá-lo um homem selvagem. E ele tinha enorme saudade das *read boxes*. Winston sempre se sentiu infeliz a menos que estivesse ocupado. Você sabe como ele tem passado desde que renunciou. Ele mesmo me disse que reza todos os dias para morrer."

Muitos depressivos negam a si próprios descanso ou relaxamento, porque não podem dar-se ao luxo de fazê-los. Se forem forçados pelas circunstâncias a fazê-lo, contudo, a nuvem negra descerá sobre eles. Isto aconteceu a Churchill, quando deixou o Almirantado, em maio de 1915, quando esteve fora do ministério durante a década de trinta, quando foi derrotado na eleição de 1945 e depois da sua última renúncia. Ele inventou vários métodos para enfrentar a depressão que sentia quando não estava totalmente ocupado com os assuntos de Estado; entre eles, a pintura, a literatura e a maçonaria. Nenhum deles, porém tinha um sucesso completo. Para entender o porquê desse fato, devemos aventurar-nos até certo ponto nas águas turvas e traiçoeiras da teoria da psicanálise.

Sabe-se, amplamente, que a psicanálise se interessa principalmente pelo efeito do meio — e, em particular, do meio existente na primeira infância — sobre o caráter adulto. É menos sabido, porém, que o ponto de vista psicanalítico não é incompatível com as abordagens tipológicas ou temperamentais até aqui usadas no nosso estudo psiquiátrico de Churchill. As duas posturas são complementares, mais do que contraditórias. A herança genética de uma pessoa poderá predispor-la a ser depressiva, mas a questão de se ela realmente será afetada pela depressão dependerá das suas primeiras experiências familiares. A psicanálise não presume que todos nasçam iguais e que reajam da mesma maneira às influências do meio. Não há um projeto de criação ideal, já que duas pessoas nunca são iguais. O que a psicanálise pressupõe, porém, é que os desequilíbrios psicológicos que as pessoas sofrem estão relacionados com todo o clima emocional no qual elas são criadas, e que a neurose e a psicose na idade adulta podem ser explicadas em termos de um fracasso do meio em satisfazer as necessidades da pessoa estudada, no momento em que essas necessidades são mais importantes.

Uma importante característica dos adultos que sofrem de depressão é a sua dependência em relação a fontes externas para manter a sua auto-estima. Obviamente, todos somos até certo ponto dependentes de fatores externos. Se um homem perfeitamente normal é tirado abruptamente da sua família, do seu emprego, do seu círculo social e é colocado em uma situação de incerteza e medo, ele se sentirá profundamente deprimido. A polícia secreta russa sabe bem disso. Essa é a razão por que prendem suspeitos no meio da noite sem aviso prévio, os coloca em solitárias e lhes nega qualquer contato com o mundo exterior ou qualquer informação acerca do seu futuro. Poucas semanas de detenção incomunicável, nessas circunstâncias, reduz a maior parte das pessoas a um estado de profundo abatimento, a um estupor apático no qual tanto a esperança quanto o orgulho desaparecem. Todos nós precisamos de algum apoio do mundo exterior para manter o nosso próprio valor.

Sem embargo, a maior parte de nós pode tolerar os desapontamentos em certos aspectos das nossas vidas sem abandonar-nos à depressão profunda, desde que outros aspectos se mantenham incólumes. As pessoas normais podem lamentar ou experimentar desapontamentos mas, desde que elas possuam uma fonte íntima de auto-estima, elas não ficam deprimidas ou continuam a está-lo por muito tempo diante da desventura e podem consolar-se facilmente com aquilo que lhes resta.

Os depressivos, ao contrário das pessoas normais, são muito mais vulneráveis. Se alguma coisa está mal no mundo exterior, eles poderão ficar desesperados. Mesmo se as pessoas tentem confortá-los, eles provavelmente considerarão vãos os esforços destas. O desapontamento, a rejeição ou o despojo podem puxar o gatilho de um mecanismo que ativa, na pessoa depressiva, uma reação de completo desamparo. Isso se deve a estas pessoas não possuírem uma fonte íntima de auto-estima à qual possam recorrer quando estão em problemas, ou que possa ser remediada com o concurso de outras pessoas. Se a mesma pessoa se sente uma pessoa ruim ou indigna de ser amada a um nível íntimo profundo, uma rejeição real do mundo exterior levará essa convicção depressiva à tona. Então, nenhuma reafirmação daqueles que a

queiram bem poderá, por um tempo determinado, convencê-la do seu verdadeiro valor.

A psicanálise supõe que essa vulnerabilidade é o resultado de um fracasso das primeiras relações entre a criança e seus pais. No decorrer de uma vida normal, uma criança recebe amor junto ao leite materno. Uma criança que é desejada, querida, com a qual se brinca e a quem se afaga, incorpora dentro de si um senso sadio do seu próprio valor. Desse modo, ela vencerá os inevitáveis reveses e desapontamentos da infância como nada mais do que penas passageiras, certo e convicto de que o mundo é predominantemente um lugar alegre e que ele tem uma posição privilegiada nele. Esse padrão geralmente se mantém através da sua vida.

Por outro lado, uma criança que não é desejada, e que é rejeitada ou reprovada não terá essa convicção. Apesar de que essa criança possa ter momentos de êxito ou felicidade, estes não a convencerão de que ela pode ser amada nem, enfim, provar-lhe que a sua vida é valiosa. Uma carreira inteira poderá ser dedicada à procura do poder, à conquista de mulheres, ou apenas a ganhar dinheiro para finalmente deixar a pessoa face a face com o desespero e com um sentimento de futilidade, já que esta nunca incorporou em si mesma um senso do próprio valor como pessoa, e nenhum número de sucessos pode, em última análise, compensar essa falta.

"Em um dos seus aniversários, há alguns anos, em resposta à expressão maravilhada da minha irmã Diana, diante de todas as coisas que havia conseguido fazer na vida, ele disse: "Consegui muitas coisas, para afinal não ter conseguido nada. Estamos ouvindo o rádio e lendo os elogios sempre generosos dos jornais. Como pode dizer isso? disse ela. Ele permaneceu calado. Há os seus livros, disse eu, e sua pintura, prosseguiu Diana. Ah, sim, sim, os há. E, depois de tudo, existimos nós, continuamos. Triste consolo é o que às vezes obtemos; e existem outras crianças que agradecem apenas o fato de estarem vivas. Ele reconheceu-nos com um sorriso..."

Sarah Churchill, no seu livro "A Thread in the Tapestry", começa a descrever os seus pais com estas orações-frases: e ela é muito perceptiva ao fazê-lo. Isto porque ela, da mesma forma que outros membros da sua família devem ter percebido durante os últimos e tristes anos da vida de Churchill, que apesar dos elogios e honrarias, este ainda tinha um vazio no coração. Um vazio que nenhum êxito ou honraria poderia preencher.

É interessante comparar esse trecho com um outro, escrito pelo próprio Churchill, e que não data da sua velhice senão à sua transição para a maturidade. "Savonarola", a única novela de Winston Churchill e também a sua primeira obra, apesar de ter sido o seu terceiro livro publicado. Apesar de ter estado meio pronto já em 1897, não foi editado até 1900, porque "The Story of the Malakand Field Force" e "The River War", o precederam. Savonarola, o orador e revolucionário é — como tem se apontado amiúde — um auto-retrato de Churchill. Ele nos é apresentado em seu estúdio, rodeado por Gibbon, Macaulay, Platão e St. Simon.

"Havia, ainda, alguns papéis e telegramas fechados sobre a mesa, mas Savonarola estava cansado; eles podiam e de qualquer modo teriam de esperar até o dia seguinte. Ele caiu em sua cadeira. Sim, havia sido um dia longo, um dia sombrio.

Ele era jovem, apenas trinta e dois anos, mas já sentia os efeitos do trabalho e da preocupação. Seu temperamento nervoso não poderia deixar de ter sido afetado pelas vívidas cenas que atravessara recentemente. E a repressão das suas emoções somente avivava o fogo íntimo. Valeu a pena? A luta, o trabalho constante, o sacrifício de tantas coisas que facilitam a vida ou a tornam mais agradável — para quê? O bem de um povo! Aquilo, ele não podia esconder de si mesmo, era mais uma direção do que a causa dos seus esforços. A ambição era a força motivadora e ela não podia resisti-la.

Valeu a pena? A questão aparece uma outra vez através da vida das pessoas que sofrem de depressão. Ao fim de "Savonarola", essa interrogação é reiterada. A solução foi vitoriosa, mas uma sensação de fastídio, de desagrado com a luta, um desejo de paz enchia-lhe a alma. O objetivo pelo que trabalhara por tanto tempo estava agora ao seu alcance e parecia ter um valor pequeno". Savonarola tem de sair exilado e vê a cidade que libertou, agora, parcialmente destruída pelo bombardeio. "A fumaça de outras casas em chamas se levantava lentamente até juntar-se à negra nuvem que pairava acima da cidade e contra a qual os projéteis, ao explodir, refletiam relâmpagos amarelados.

"E essa, disse Savonarola após uma longa contemplação, é a obra da minha vida."

Mais interessante ainda é o trecho em que Savonarola, "entediado dos homens e das suas obras", sobe ao seu observatório para "ver as estrelas, apenas por amor aos seus mistérios". Ele contempla a beleza de Júpiter.

"Um outro mundo, um mundo mais belo, um mundo de ilimitadas possibilidades, encantava sua imaginação. Ele pensava no futuro de Júpiter, dos incompreensíveis períodos de tempo que se passariam até que o processo de resfriamento tornasse possível a vida na sua superfície. Pensava na lenta e contínua marcha da evolução, impiedosa, inexorável. Quão longe poderia levar os futuros habitantes de um mundo embrionário? Talvez apenas até uma vaga distorção da essência vital; talvez mais longe do que poderia sonhar; todos os problemas seriam resolvidos, todos os obstáculos vencidos; a vida conseguiria chegar ao desenvolvimento perfeito. Essa fantasia, atravessando tempo e espaço, levava a história a períodos ainda mais distantes. O processo de resfriamento da vida terminaria na morte; o sistema solar inteiro, mesmo o universo, seriam um dia tão frio e morto quanto um fogo de artifício queimado.

"Era uma conclusão lúgubre. Ele fechou o observatório e desceu a escadaria, esperando que seus sonhos contradissem os seus pensamentos.

O desespero subjacente, tão característico do temperamento depressivo, dificilmente poderia ser melhor ilustrado. Tão bem sucedido quanto for, Savonarola ainda duvida do valor daquilo que conseguiu. Sua fantasia de um "desenvolvimento perfeito", da vida em algum futuro distante é automaticamente anulada pela sua convicção de que o universo deverá finalmente resfriar-se até parar, morto. O homem que poucos anos antes da morte disse à sua filha "consegui muitas coisas para

finalmente não ter conseguido nada", demonstra aqui um padrão emocional absolutamente consistente e já evidente no início da sua vida adulta.

Quais foram as origens infantis da tendência depressiva de Churchill? Qualquer resposta deve ser, necessariamente, parte de um trabalho de adivinhação, mas alguns fatos óbvios se apresentam para nossa consideração, dentre os quais a negligência paterna é a mais importante.

Winston Churchill foi uma criança prematura, nascido antes do que se esperava. Ninguém pode dizer com certeza se esse fato tem um efeito adverso sobre o futuro desenvolvimento emocional, mas sabemos que a maneira em que um bebê é amamentado e tocado afeta o ritmo do seu desenvolvimento físico e mental, e que mesmo a criança mais nova é sensível ao meio. Um bebê não é esperado e, conseqüentemente, se torna algo incômodo, embaraçoso. Sabemos que os preparativos para o nascimento de Winston Churchill foram insuficientes, porque havia falta de roupas de bebê; e a primeira criança, de todos modos, pode-se tornar um motivo de ansiedade para uma mãe inexperiente. Como foi Winston Churchill manuseado quando bebê? Tudo o que sabemos é que, de acordo com os costumes daquela época, ele não foi alimentado pela mãe, senão por uma ama-de-leite acerca de quem não sabemos nada.

Sua mãe, Lady Randolph, tinha apenas vinte anos quando Winston Churchill nasceu. Ela era uma jovem de beleza excepcional, muito envolvida na sofisticada vida social da época para preocupar-se muito com seu filho recém-nascido. De Lady Randolph, profundamente envolvido pela política, não poderia ter-se esperado que tomasse senão um interesse longínquo pelo seu filho e herdeiro, e ele excedeu a essas expectativas. De fato, Churchill recebeu pouca atenção ou apoio dos seus pais nos vitais anos da sua primeira infância. A pessoa que o salvou da inanição afetiva foi, é claro, Mrs. Everest, a babá que foi contratada em 1875 — poucos meses depois do nascimento de Churchill — e que foi o seu mais importante apoio e confidente até sua morte, quando Churchill tinha vinte anos de idade. Sua fotografia permaneceu pendurada no quarto de Churchill até a morte deste. Ela foi imortalizada como a governanta de "Savonarola" e apesar de que Randolph Churchill utiliza esse mesmo trecho na biografia de seu pai, vale a pena repeti-lo aqui, já que revela algo da atitude de Winston Churchill em relação ao amor.

"Seus pensamentos foram interrompidos pela entrada da velha senhora, trazendo uma bandeja. Ele estava cansado, mas as formalidades da vida deviam ser observadas; levantou-se e passou ao quarto íntimo para mudar de roupa e lavar-se. Quando voltou, a mesa estava posta; a sopa que havia pedido tinha-se convertido, graças aos cuidados da sua governanta, em uma refeição mais completa. Ela esperou enquanto ele comia, ocupando-o, entretimentos, com questões e observando seu apetite com ansioso prazer. Ela tinha-o criado desde que nascera com uma devoção e um cuidado que não conheciam descanso. É estranho o amor destas mulheres. Talvez seja o único afeto desinteressado no mundo. A mãe ama o seu filho, essa é a natureza maternal. O jovem ama sua namorada; isso também pode ser explicado. O cão ama seu dono; este o alimenta; um homem quer a um amigo; este talvez tenha

ficado ao seu lado em momentos de dúvida. Em todos esses casos há razões, mas o amor de uma mãe de criação pelo seu encargo parece absolutamente irracional. É uma das poucas provas, inexplicável mesmo opor as associações de idéias, de que a natureza humana é superior ao mero utilitarismo, e de que seus destinos são mais elevados.

O conceito de "afeto desinteressado" para Churchill, vale a pena de ser comentado. Porquanto certamente não é um fato tão espantoso — como ele insinua — que uma ama possa amar a criança sob seus cuidados. Uma babá é uma mulher sem crianças e sem marido. Que poderia ser mais natural do que ela se dedicar à criança de que cuida e dar a ela todo o carinho e o amor para o qual ela não tem outra válvula de escape? No trecho citado acima, Churchill se mostra surpreendido por ser amado, como se ele nunca tivesse sentido que tinha direito a sê-lo. Ao longo de uma vida normal, uma criança recebe da sua mãe e do seu pai um amor que ela não questiona e do qual ela não duvida. A criança geralmente estenderá essa expectativa de ser amada para as babás, parentes e outros membros do círculo familiar. À medida que ela cresce, vai se dando conta de que nem todos a amam como ela veio a esperar. Isto poderá surpreendê-la ou desapontá-la. Mas ela seguramente ficará mais surpresa quando descobrir que algumas pessoas não a amam, do que quando se der conta de que outras pessoas, que não seus pais, a amam.

As crianças felizes não se perguntam porque suas mães ou qualquer pessoa as amam; elas simplesmente aceitam isso como um fato da vida. São aquelas que nos seus primeiros anos receberam menos afeto do que deveriam, que se surpreendem ante o fato de que alguém goste delas e que procuram uma explicação para o amor que outra, ou outras crianças mais afortunadas acham óbvio. As pessoas que sofrem de depressão estão sempre se indagando porque alguém poderia amá-las. Muitas vezes elas se sentem com direito a serem respeitadas, admiradas ou temidas; quanto a serem amadas, contudo, acreditam que seria pedir muito. Muitos depressivos sentem que somente poderão ser amados se obtiverem êxito, ou se derem tanto a uma certa pessoa que sintam que devem receber algo de volta. A idéia de que qualquer um pode amá-lo simplesmente pelo fato dele ser o que é, torna-se estranha ao indivíduo de temperamento depressivo. Ao mostrar espanto pelo afeto desinteressado de Mrs. Everest, Churchill está revelando aquilo que poderíamos esperar do seu temperamento e do fato dele não ter recebido dos pais aquela aceitação total e irracional de que todos precisamos e que é dada pela maior parte das mães a um bebê desejado. E apesar de que o afeto de Mrs. Everest compensou até certo ponto aquilo que estava faltando, isso não podia substituir o amor dos pais.

Não podemos obter agora tanta informação quanto desejaríamos sobre a primeira infância de Churchill, mas que seus pais eram negligentes é um fato indiscutível. Como diz Randolph Churchill na sua biografia

"A negligência e a falta de interesse demonstrada pelos pais em relação a seu filho eram notáveis, mesmo se considerarmos os costumes do fim da era vitoriana e eduardiana. As cartas dele para sua mãe, escritas nas suas muitas escolas, contêm abundantes e patéticos pedidos de cartas e visitas, senão dela, do seu irmão

Jack e de Mrs. Everest. Lorde Randolph era um político ocupado e com todo seu interesse devotado à política; Lady Randolph estava presa no redemoinho da alta sociedade e parecia ter pouco interesse pelo seu filho até que o nome deste começou a ecoar pelo mundo. Mais adiante será demonstrado quão negligente ela era na sua correspondência com Winston Churchill, quando este foi, por três anos, um subalterno na Índia e quando seu pai e Mrs. Everest morreram. Seu irmão Jack, cinco anos mais novo, não poderia ser um correspondente satisfatório e Winston se sentiria excepcionalmente só e abandonado."

Acredito que podemos assumir que Churchill perdeu sua fonte íntima de auto-estima na qual a maior parte das pessoas predominantemente satisfeitas se apóia e que lhe serve para atravessar os inevitáveis desapontamentos e reverses da existência humana, devido à negligência paterna. Quais as maneiras em que ele tentava compensar aquilo que lhe faltou na primeira infância e para manter sua auto-estima apesar da falta de afeto paterno?

O primeiro traço — e o mais óbvio — que Winston Churchill desenvolveu como réplica à sua carência foi a ambição. Como ele mesmo escreveu em "Savonaria", "a ambição era a sua força motivadora, e ele não podia resisti-la". E, em uma carta para sua mãe, escrita em 1899, na Índia, ele diz. "Que horrível seria se eu não fosse obter o sucesso. Partiria-me o coração, pois não tenho nada a motivar-me senão a ambição." "As crianças que foram mais queridas e estimadas do que Churchill têm, de fato, algo mais do que a ambição para motivá-las. A ambição, é óbvio, é uma característica perfeitamente "normal", e seria de se esperar de um jovem criado no clima competitivo da civilização ocidental. Mas a ambição de Churchill era, sem dúvida, desordenada, e ela o tornou impopular quando jovem sir Charles Dilke escreveu que Rosebery era o homem mais ambicioso que tinha conhecido; ele posteriormente modificou essa sua opinião escrevendo ao lado, "desde então, conheci Winston Churchill". A ambição é o resultado direto de uma privação experimentada cedo quando, como no caso de Churchill, ela é uma compulsão. Isso porque a criança tem pouco convencimento interior do seu próprio valor e, assim, ela tenderá a buscar o reconhecimento e a aprovação que se originam nos seus feitos. Na juventude, especialmente, o sucesso, ou mesmo a esperança de sucesso, seja este financeiro, político ou artístico, podem ser fatores efetivos para evitar a depressão naquelas pessoas que têm tendência para essa afecção. A razão dos ataques graves de depressão se tornarem mais freqüentes na meia-idade. É a inevitável diminuição das esperanças que acontece durante o envelhecimento do homem. Pode-se dizer que as pessoas muito capazes são sempre ambiciosas, já que é natural que um homem talentoso exija oportunidade para demonstrar a sua capacidade e que deseje que esta seja reconhecida. Nas palavras de Lorde Reith, "estar completamente ocupado" é um prazer em si mesmo. Mas as características de compensação da ambição de Churchill não são difíceis de reconhecer. Mesmo o seu famoso comentário a Lady Violet Connam Carter — "somos todos uns vermes, mas acredito ser um pirilampo" — revela isso na medida em que combina a autodenegrição e a autoglorificação em uma só frase.

A exagerada ambição, do tipo churchiliano, não se baseia em uma avaliação realista dos próprios defeitos e talentos. Existe sempre um elemento de fantasia, que não está relacionado com o desempenho real da pessoa. Esse fenômeno pode tomar a forma — como no caso de Churchill — de uma convicção de que à pessoa está sendo reservado um objetivo especial, senão pela Divindade, pelo menos pelo destino. Um dos mais extraordinários traços da psicologia de Churchill é que essa convicção persistiu através da maior parte da sua vida até que, com 65 anos de idade, essa fantasia encontrou sua expressão na realidade. Como ele disse a Moran, "Isto não pode ser acidental, tem de ser um desígnio. Eu fui reservado para esta missão". Se Churchill tivesse morrido em 1930, ele teria sido considerado um fracassado. Sem dúvida, Moran tem razão ao escrever acerca do "mundo íntimo do faz-de-conta no qual Winston encontrava a realidade". É provável que a Inglaterra deva a sua sobrevivência, em 1940, a esse mundo íntimo do faz-de-conta. O tipo de inspiração com o qual Churchill sustentou a Nação não se devia a uma apreciação racional senão a uma convicção que independia da realidade. Somente um homem convencido de ter uma missão heróica, que acreditasse, apesar de todas as evidências em contrário, ainda poder triunfar, e que pudesse se identificar com o destino nacional poderia ter transmitido essa sua inspiração a outras pessoas. O milagre teve muito em comum com aquele que é conseguido por um grande ator que, através da sua arte, nos exalta e convence que suas paixões estão além do sentimento humano. Não sabemos, e nunca saberemos, os detalhes daquele mundo do faz-de-conta de Churchill. Mas que este existia e que Churchill tinha um papel heróico no mesmo, não pode ser desmentido. Antes da invenção das armas nucleares, muitos colegas tinham sonhos de glória militar, que hoje em dia dificilmente seriam possíveis. Ser um grande combatente, liderar forças em combate com chances exíguas, fazer uma heróica resistência final, ganhar a Cruz de Vitória, todas eram ambições que inspiraram muitas gerações no passado. Churchill nasceu em uma era em que tais sonhos ainda podiam ser transportados para a realidade, e ele tentou realizá-los através de uma carreira militar iniciada cedo. Contudo, e diferentemente de muitos soldados, ele não se desiludiu. Mesmo na velhice, foi difícil convencê-lo de não se expor deliberadamente ao perigo quando da sua ida à França depois que a segunda frente foi aberta. O sonho do colegial. Sua busca do perigo não era simplesmente um desejo de provar sua coragem física — uma motivação que existiu, sem dúvida, na sua juventude. Essa busca se originava no fato dele ter a convicção de que seria poupado, de que nada poderia acontecer a um homem escolhido pelo destino — uma convicção que tinha em comum com o General Gordon, que de modo similar expôs-se à morte ao longo da sua vida e que inspirava as outras pessoas através do seu completo desprezo pelo perigo.

O convencimento de ser "especial", no jargão psicanalítico, é, de fato, um reflexo daquilo que se chama de "onipotência infantil". A psicanálise postula, com boas razões, que o infante tem pouca noção da verdadeira importância que ele tem no mundo em que nasceu. Apesar de que o ser humano embarca na vida muito desamparado, exigindo constantes cuidados e atenção para a sua sobrevivência, seu próprio desamparo cria a ilusão de que ele é poderoso. Isto porque as necessidades

do bebê são imperiosas. Um bebê deve ser alimentado, limpo, vestido e protegido de todo dano. No decorrer normal da sua vida, suas exigências são satisfeitas por um certo número de escravos que se apressam em fazê-lo. À medida que a criança for amadurecendo, ela aprenderá que seus desejos nem sempre são prioritários e que as necessidades de outrém devem por vezes assumir precedência. Isto acontece especialmente em famílias onde há mais de uma criança. A dura lição de que não se é centro do universo se aprende mais rapidamente na "dureza" da competição com irmãos e irmãs. Os filhos únicos, porém, poderão não ultrapassar esse estágio inicial do desenvolvimento emocional. Winston Churchill, apesar de não ter sido filho único — seu irmão Jack nasceu em 1880 — pôde manter essa condição por cinco anos cruciais. Paradoxalmente, as crianças solitárias e desprovidas de carinho são as que continuam a ter essa noção de onipotência. A não satisfação da necessidade de cuidado e aceitação totais durante a primeira parte da sua vida é algo que deixa a criança com a sensação de que alguma coisa lhe faltou e que ela a deseja. Ela poderá, nos anos seguintes, criar condições nas quais o menor gesto seu será atendido imediatamente e se ressentirá ante o fato disso nem sempre ser possível.

Essa característica era evidente em Churchill. Durante uma das suas doenças ele convocou duas enfermeiras. Sua esposa disse a Lorde Moran, "Winston é um paxá". Se ele não pode bater palmas para chamar um criado, ele chama Walter assim que ele entra na casa. Se dependesse dele, ficaria com as enfermeiras pelo resto da vida. Ele gostaria de ter duas no seu quarto e mais duas no corredor. Ele nunca fica tão feliz, Charles, como quando uma das enfermeiras está fazendo algum serviço para ele enquanto Walter lhe põe as meias. A arrogância, impaciência e falta de consideração de Churchill deve tê-lo tornado alguém com quem era difícil conviver. Mas esses traços eram suavizados pela sua magnanimidade. Como podia um homem tão egocêntrico inspirar a devoção nas pessoas que o serviam se as necessidades destas raramente eram tomadas em consideração, que tinham que ficar acordadas até altas horas da noite para ajustar-se ao peculiar horário de Churchill, e se muitas vezes se expunham ao seu formidável temperamento? Não é uma questão de fácil resposta, mas muitas vezes acontece que os homens que exigem e precisam muita atenção de outra estão manifestando uma espécie de desamparo infantil que provoca uma resposta condizente, mesmo que esta seja difícil. Sua esposa mencionou que a única vez que Churchill esteve no Metrô foi durante a greve geral. "Ele dá a volta e mais voltas sem saber por onde sair. Finalmente teve de ser resgatado". Do mesmo modo que nas crianças, a onipotência e o desamparo andavam juntos. Há bastantes personagens da vida pública que ficariam completamente confundidos se tivessem que cozinhar sua própria comida, cercar suas próprias meias ou mesmo escrever sua correspondência.

O fato de Churchill ter sido um aristocrata deve tê-lo favorecido. Quando deixado de lado pelos pais, sempre havia Mrs. Everest para cuidá-lo. E ela foi posteriormente substituída pela sua esposa, por seu valete, seu médico e incontáveis servais e empregados. Os que somos o suficientemente velhos para lembrar os dias em que a aristocracia e a classe média-alta achava óbvio o fato de que os detalhes comuns da vida, como a comida, vestuário e viagens seriam cuidadas por um ou outro

esbirro e que desde então temos aprendido a tomar conta de nós mesmos, podem lembrar sem dificuldade quanto a existência de criados fazia pela nossa auto-estima. Churchill não foi rico nos seus primeiros anos. Ele teve de ganhar a vida com a sua pena. Contudo, ele não sabia nada acerca da vida da gente comum, e da mesma maneira que outros membros da sua classe, cresceu com a pré-noção de ser bastante superior ao resto da população. Esta pré-noção manteve no seu rumo boa parte dos seus semelhantes. A classe alta inglesa tem se distinguido por entregar seus filhos aos cuidados de empregados e, no caso dos meninos, por enviá-los a internatos a uma idade absurda. O senso de pertencer a uma classe privilegiada é uma espécie de paliativo que compensa o sentimento de rejeição. A família Churchill, era particularmente distinta nessa classe privilegiada. O jovem Winston Churchill pode ter se sentido só e pouco amado, mas isso não pode ter durado muito tempo antes dele tornar-se cõscio de que ele era "especial" de uma outra maneira, menos pessoal, o *scion* de uma casa célebre, com uma longa lista de ancestrais famosos. O fato de que tenha escolhido escrever a biografia tanto do seu pai como do primeiro Duque de Marlborough demonstra quão importante isto era para ele.

Quando as necessidades emocionais de uma criança não são satisfeitas pelos seus pais, ou o são de forma parcial, esta geralmente reagirá com agressividade à sua frustração. As crianças mais "difíceis" ou mal comportadas são aquelas que não recebem afeto; e estas tendem a tratar toda autoridade como se fosse hostil. Winston Churchill não era uma exceção. Mas mesmo a criança mais rebelde e intransigente guarda, na sua imaginação, a imagem dos pais que gostaria de haver tido. A imagem negativa da autoridade — de rejeição, crueldade e negligência — é compensada pela imagem positiva dos pais idealizados, que são sempre amorosos, meigos e compreensivos. E quanto menos uma criança sabe dos seus pais ou mantém um relacionamento próximo como eles, mais essa imagem dupla prevalecerá. Os pais verdadeiros são pessoas reais, às vezes amorosos, às vezes impacientes, por vezes compreensivos, por vezes insensíveis. A criança criada no seio de uma família comum rapidamente hibridiza as imagens do "bem" e do "mal", dando-se conta que, tanto nos outros seres humanos como em si mesmo, o amor e o ódio, a bondade e a maldade estão inextricavelmente misturados. Os psiquiatras têm notado amiúde que crianças delinquentes e perturbadas emocionalmente e que têm pais negligentes e cruéis, ainda afirmam que esses pais "ruins" são na verdade "bons" e assumem a culpa dos seus pais. A idealização dos pais tem uma função de defesa e proteção. Uma criança, sendo fraca e indefesa, acha insuportável acreditar que não existam adultos que a amem, apóiem e guiem, e se não os há, ela os inventa.

Winston Churchill demonstrava essa idealização de forma nítida. Da sua mãe, ele escreveu: "Ela brilhava para mim como a Estrela Vespertina. Eu a amava muito mas a uma certa distância". Essa visão romântica da sua mãe foi substituída por uma avaliação mais realista dela quando, aos 23 anos, ele foi forçado a reconhecer a irresponsabilidade financeira da mesma e a escrever-lhe falando das suas extravagâncias. Mas as imagens formadas na infância não se desfazem facilmente; Churchill, pelo menos nos seus primeiros anos, manteve uma visão romântica da

mulheres que se deriva da idealização da sua bela mãe. Violet Bonham Carter chama a atenção para esse fato:

"Seu círculo mais íntimo de amigos não tinha mulheres. Elas tinham seu lugar na vida de Churchill. Sua abordagem das mulheres era essencialmente romântica. Ele era muito sensível em relação à beleza, ao "glamour", ao esplendor e aqueles que possuíam essas qualidades não eram submetidos a análises. A posse, por parte deles, de todas as virtudes essenciais era considerada óbvia. Lembro-me dele se defendendo quando certa vez comentei acerca da sua "inocência" — "candor" — na abordagem das mulheres. Ele se sentiu ofendido por esse epíteto, usado em relação a ele. Sem embargo, ele certamente teria utilizado esses termos como um elogio se se relacionasse comigo".

Como muitos outros românticos, Churchill, na sua juventude, era algo desajeitado para abordar as mulheres, apesar de ter-se envolvido emocionalmente com pelo menos três moças antes de se casar. Nos seus últimos anos, ele deu pouca atenção às mulheres e, de fato, poucas vezes falava com elas. Mas a visão romântica persistia, ligada a figura da Rainha Elizabeth II. Diz-se que comentou, ao contemplar o retrato da Rainha: "Adorável, inspiradora. Todos os cineastas do mundo, mesmo se tivessem revirado o globo, não teriam encontrado alguém tão apropriada para o papel". A realeza nunca perdeu a magia para ele e, como seu antepassado nos tempos da Guerra Civil, continuou a ser um ardente realista ao longo da sua vida, apesar da decrescente popularidade dos princípios monárquicos entre os mais sofisticados. Quando Churchill se dizia um servidor da rainha, ele de fato acreditava que o era. Sua idealização da monarquia, que se estendia aos reis e rainhas de outros estados, representava o fato de que poucas vezes ele via a realeza como sendo composta por criaturas de carne e osso, do mesmo modo que não via seus pais como a seres humanos. Essa é uma característica que ele tinha em comum com muitas outras pessoas na Grã-Bretanha.

A idealização que Winston Churchill fazia do seu pai é ainda mais notável. Não surpreende o fato de que uma criança visse sua jovem mãe, tão elegante e bela, como a princesa de um conto de fadas. Mas seu pai, apesar de ter sido um notável homem público e dotado de um grande talento, era tão desinteressado pelo seu pequeno filho, e o repreendia com tanta freqüência, que o culto que Churchill devotava ao pai-herói somente pode ser explicado em termos do mecanismo psicológico descrito acima. Como escreve Violet Bonham Carter: "A imagem continuou no seu pedestal, intata e gloriosa. Até o fim ele venerou o altar do seu pai desconhecido". E seu pai permaneceu completamente desconhecido para ele, nunca lhe falou intimamente e raramente lhe escrevia, exceto para repreendê-lo. Depois da morte de Sir Randolph, causada por uma paralisia geral provocada pela sua insanidade, quando Churchill tinha vinte anos de idade, este aprendeu longos trechos dos discursos do seu pai de cor e, em 1906, publicou uma biografia dele em dois volumes. A devoção filial dificilmente poderia ser maior; mas era uma devoção a uma imagem e não a um verdadeiro pai, cuja vida ele tivesse partilhado.

As crianças cujas necessidades emocionais foram insuficientemente satisfeitas pelos seus pais, reagem a esta falta ou idealizando-os ou então com hostilidade. A obstinação de Winston Churchill, seu despreço pela autoridade e sua teimosia se manifestaram desde muito cedo. Ele foi enviado a um internato antes de completar oito anos de idade. É evidente, através dos seus primeiros registros escolares, que as autoridades da escola se tomaram os receptores da hostilidade que ele deve ter sentido em relação aos seus pais, mas que nunca foi manifestada por causa da sua idealização dos mesmos. Ele atrasava-se repetidamente. "Número de atrasos, 20 — muito vergonhoso". De ser descrito como um "problema normal", no seu primeiro boletim, ele passa a ser chamado de "problemático", "muito mau", "descuidado", "um problema constante para todos" e muito "desobediente". Ele esteve nesse internato desde novembro de 1882 até o verão de 1884, e ele mesmo lembrava o quanto detestou aquele período. É provável que ele tenha sido tirado dali por causa dos graves castigos físicos que lhe impunham, já que o diretor era um clérigo sádico que infligia vinte golpes de vara nas nádegas dos meninos sob sua responsabilidade e evidentemente gostava desse exercício da sua autoridade. Mas os ferozes castigos físicos não conseguiram intimidar Winston Churchill, e provavelmente serviram para aumentar a sua intolerância em relação à autoridade.

É interessante anotar que, nas suas primeiras cartas da escola, ele não reclamava, e em vez disso se dizia contente. Sem embargo, ele posteriormente admitiu que aquilo era exatamente o oposto do que ele sentia na realidade. Crianças que são felizes nos internatos amiúde escondem esse fato dos seus pais. O desconhecimento do que o mundo é na realidade pode ser a razão para eles pensarem que o maltrato e a falta de compreensão solidária é o que se espera que eles passem. Assim, se eles se sentem infelizes, esse é um sinal de fraqueza e é sua própria culpa. Isto é verdade em especial para aqueles que têm tendências depressivas, porque a hostilidade que esses sentem em relação aos pais e às outras manifestações de autoridade facilmente se volta contra si próprios. Conseqüentemente, eles se sentiam felizes porque acreditavam que deveriam ser felizes e para isso designavam pessoas que fossem incapazes de descobrir a verdade.

Existe, de fato, uma ligação estreita entre a depressão e a agressividade que não foi compreendida até que Freud a dissecou. A criança privada de satisfação emocional e que depois se torna presa da depressão tem enorme dificuldade em descarregar sua agressividade. Ele se ressentia daqueles que o privaram de afeto, mas não pode dar-se ao luxo de demonstrá-lo porque ele precisa dessas pessoas. Qualquer agressão que ele manifeste, por outro lado, redundava em maior privação de afeto e da aprovação de que tanto precisa. No período de depressão, essa agressividade é dirigida para o próprio ser, com o resultado de o depressivo se subvalorizar ou mesmo se declarar sem valor algum. "Conseguir muito para finalmente não conseguir nada".

É esta dificuldade para expressar sua agressividade que leva alguns depressivos a procurar adversários no mundo exterior. É um grande alívio encontrar um inimigo que justifique o esbanjamento de ira. Winston Churchill foi muitas vezes acusado de ser um belicista, o que ele não era. Mas, sem dúvida, o enfrentar inimi-

gos tinha um grande atrativo emocional para ele, e finalmente, quando defrontou-se com um inimigo que pressentia ser completamente maligno, esse fato foi uma libertação que lhe proporcionou uma vitalidade imensa. Hitler era um tal inimigo, e é provável que Churchill nunca foi tão feliz como quando estava completamente envolvido no esforço de destruí-lo. Porque finalmente ali estava a oportunidade de empregar toda a força da sua enorme agressividade. Ali estava uma tirania presidida por um arquidemônio que não merecia piedade e a quem ele podia atacar com a consciência limpa. Se todos os depressivos pudessem estar constantemente enfrentando inimigos malignos, eles nunca teriam depressão. Mas no dia-a-dia, os opositores não são o suficientemente maus e os depressivos sofrem de crises de consciência acerca da própria agressividade.

Não é degradar Churchill o afirmar que suas magnanimidade e generosidade estavam baseadas nesses fatores. As pessoas que têm o mesmo tipo de antecedentes de infância de Churchill sabem o que é ser insultado e ferido: e, apesar da sua reserva íntima de agressividade, elas mantêm uma capacidade de se identificar com o perdedor. É pouco provável que Churchill tivesse sentido algo que não aversão a Hitler, caso este tivesse sobrevivido. Mas ele demonstrava uma compaixão incomum por outros inimigos que derrotara. Brendan Bracker relata que quando Churchill processou Lorde Alfred Douglas por difamação, ele não se orgulhou ao ganhar o caso. De fato, ele pareceu deprimido, e isto porque ele não suportava pensar que o seu adversário derrotado seria enviado à prisão. Apesar de que Churchill se sentia estimulado a lutar contra os inimigos da Inglaterra, a sua compaixão por eles também é evidente, e ele não hesitava, aos 23 anos, em criticar Kitchener pelo "desumano assassinio dos feridos" em Ondurman e em atacá-lo na imprensa por ter profanado o túmulo do Mahdi.

Essa alternância entre a agressão e a compaixão é característica das pessoas que têm a estrutura de caráter de Churchill. Ninguém pode ter tido maior orgulho do Império Britânico e sem embargo, quando Churchill tinha 27 anos, escrevia acerca dos "nossos irrefreáveis imperialistas que não têm outro pensamento que não o de acumular territórios, impostos e armamentos". Essas críticas surgiram a partir de sua leitura do livro de Seebohm Rowntree, "Poverty", que atraiu seus sentimentos de compaixão pela classe trabalhadora subalimentada e esquecida pelos políticos do Império. Churchill era muito agressivo, e de muitas maneiras insensível, mas estava longe de ser desapiedado, e quando podia imaginar o sofrimento de outrem, incorporando-os, ele os sentia profundamente. Isso se aplica em especial ao caso dos presos, com os quais ele se identificava intimamente. O seu período como Secretário do Interior (Home Secretary) foi notável pelas melhoras que introduziu no tratamento aos presos "políticos", que no seu tempo eram os sufragistas. Esse período também foi notável pela reforma que permitia o "tempo para pagar" — *time to pay* — no caso daqueles que de outra forma seriam presos pelo não pagamento de multas, e pela introdução de medidas que reduziram o número de delinquentes juvenis enviados à prisão. Ele também era partidário da introdução de concertos e conferências para os presos, e insistiu em que lhes fossem fornecidos livros.

A compassiva preocupação de Churchill pelos presos era devida em parte à sua capacidade geral de identificar-se com o despossuído, a qual já discutimos. Ela também tinha uma origem particular que se devia à sua experiência pessoal. Durante a guerra dos Boers, ele foi capturado por estes e encarcerado como prisioneiro de guerra. Apesar do seu período de prisão ter sido muito breve, Churchill foi capturado a 15 de novembro e escapou a 12 de dezembro — essa experiência deixou-lhe uma marca indelével. Em "My Early Life" ele assim relata sua prisão:

"Prisioneiro de Guerra! Essa é a forma menos desafortunada de ser prisioneiro mas, contudo, é um estado melancólico. Você está em poder do seu inimigo. Você deve sua vida ao seu humanitarismo, e seu pão de cada dia à sua compaixão. Você deve obedecer as suas ordens, ir aonde ele disser, ficar onde é mandado, esperar suas vontades e encher sua alma de paciência. Enquanto isso, a guerra continua. Grandes acontecimentos estão tendo lugar; excelentes oportunidades de ação e aventura estão escapulindo. Os dias também são muito compridos. As horas se arrastam qual centopéias paralíticas. Nada lhe distrai. A leitura se torna difícil: o escrever, impossível. A vida é um longo fastídio, do amanhecer até o crepúsculo.

Além disso, toda a atmosfera da prisão é detestável, mesmo nas mais confortáveis e melhor administradas. Os companheiros desse tipo de desventura discutem por insignificâncias e obtêm o mínimo prazer de estarem em comunidade. Se você nunca esteve sob restrições antes e não sabe o que é ser um cativo, sente uma constante humilhação ao ser confinado a um espaço reduzido, cercado por grades e arame farpado, vigiado por homens armados e enredados em uma maranha de regras e restrições. Eu detestei cada minuto do meu cativoiro mais do que qualquer outro período da minha vida... Lembrando aqueles dias, tenho sentido a mais viva pena pelos presos e cativos. A minha imaginação se esforça ao pensar que um homem, e em especial um homem educado, deve sentir ao ser encarcerado por anos em um moderno presídio. Cada dia exatamente igual ao anterior, com a estéril cinza de uma vida desperdiçada deixada para trás, e todos os longos anos de detenção estendendo-se no futuro...

Negros estados de espírito facilmente cruzam a mente de um prisioneiro...

Nem todos reagem à prisão desse modo. Há alguns que procuram ativamente a prisão como um refúgio para os problemas do mundo. Outros passam o tempo mais ou menos satisfeitos lendo ou ocupando-se de solitárias reflexões. São aqueles que têm tendência para a depressão os que mais sofrem a angústia do tipo que Churchill descreve, já que, privados das fontes externas de estímulo que os sustentam, e também desprovidos de oportunidades de aventura e emoção — que são defesas contra sua inata tendência — eles recaem naquele estado que eles temem acima de tudo.

Churchill nunca esteve feliz se não estivesse completamente ocupado, dormindo ou fazendo qualquer outra coisa. Ele não tinha conversa fiada. É impossível imaginá-lo descansando confortavelmente. Ele tinha de estar permanentemente ativo ou senão recaía em "tristes momentos de impaciência e frustração", como Violet Bonham Carter descreve seus estados de ânimo. Já em 1895 Churchill escrevia à sua mãe de Aldershot.

“Vejo que estou entrando em um estado de estagnação mental no qual mesmo o escrever se torna difícil e qualquer leitura que não seja a de revistas (mensais) é impossível. Isto, é claro, está bem de acordo com o espírito militar. É de fato o resultado de forças mentais que são criadas pela disciplina e pela rotina. É um estado mental no qual todos, ou quase todos os soldados caem. Tento sair deste estado depressivo lendo uma e outra vez os discursos de papai, muitos dos quais sei de cor. Mas efetivamente não sou capaz de achar a energia necessária para ler qualquer outro trabalho sério.”

A disciplina e a rotina militares tinham um efeito constrangedor sobre Churchill. O dar-se conta de que aquilo o deprimia pode ter contribuído para sua decisão de tentar a glória política em vez de tentar mais glórias militares.

Temos já mencionado o desgosto que Churchill sentia ao ficar perto da borda das plataformas das estações ferroviárias. Ele também confessou a Moran, enquanto esteve em Claridade, que não gostava de dormir perto de um balcão. “Não desejo deixar este mundo”, disse como um sorriso “mas pensamentos, pensamentos desesperadores vêm-me à cabeça”. Churchill também era apreensivo acerca das viagens aéreas e gostava de citar o Dr. Johnson quando se tratava de viagens marítimas. “Estar em um navio é como estar em uma gaiola com chances de se afogar”. Uma preocupação subjacente em relação à morte, tão característica do temperamento depressivo, é detectável com facilidade. Durante sua primeira juventude, ele estava convencido de que morreria cedo, como o seu pai. Podemos atribuir isto a uma identificação com o pai idealizado: mas a convicção de que o tempo é curto e da natureza efêmera da vida é típica dele. Seu despreço pelas visitas aos hospitais pertence a este tipo de preocupações tanto quanto a sua hipocondria, que se manifestou cedo. Lucy Mastermann registra que em 1910 “Ele pensava ter contraído todas as doenças fatais do mundo, e era muito dado a remoer frustrações e pensar acerca do juízo final”. Quando o almirante Pound morreu, Churchill disse: “A morte é a maior das dádivas de Deus”. Não se trata aqui de se Churchill foi alguma vez um suicida. Não há provas disso. Mas parece provável que a morte tenha exercido uma espécie de fascinação sobre ele e contra a qual ele tinha de se defender... Os homens que têm de manter-se hiperativos para proteger-se da depressão geralmente acalentam um secreto desejo de paz e descanso totais; e o jardim de Proserpina “onde mesmo o rio mais fatigado chega de algum modo ao mar”, tem um atrativo especial contra o qual é necessário lutar.

Inicialmente Churchill reagiu perante a autoridade com uma intransigente desobediência. Essa rebeldia não constituía apenas um modo de descarregar sua agressividade mas também uma maneira de auto-afirmar-se, talvez a única disponível para um menino que àquela altura se sentia fraco fisicamente e que não demonstrava vontade de sobressair em nenhuma matéria de escola que não a história. Sem embargo, cedo se lhe apresentou um outro meio de preservar, ou melhor guardar seu amor próprio. Apesar de que não desempenhando-se bem na maior parte das matérias da escola — seguramente bem pior do que lhe assegurava sua inteligência —

descobriu que tinha talento para a palavra, um talento que se tornaria a sua principal qualidade, e que lhe serviria para manter-se em boa posição através da sua vida.

Antes do uso das palavras ter se tornado seu modo mais importante de expressão, Churchill tinha demonstrado interesse em aprender a tocar o cello, aos catorze anos de idade. Se este desejo tivesse sido realizado, é provável que a música tivesse se tornado importante para ele. Isto porque, como muitos músicos sabem, o mundo do som pode ser uma eterna fonte de conforto, e saber tocar um instrumento é tanto um meio de auto-estima como de auto-expressão. Mas o interesse cedo demonstrado por Churchill não foi encorajado e logo desapareceu; seu gosto musical permaneceu ao nível de Sullivan e de música ligeira.

A atitude de Churchill em relação à palavra é de interesse psicológico. Quando encontrou Violet Bonham Carter pela primeira vez, ele lhe perguntou se ela achava que as palavras tinham uma magia e uma musicalidade independentemente do seu significado. Para Churchill, elas as tinham, sem dúvida. A magia das palavras se tornou parte do seu mundo íntimo do faz-de-conta. Sartre, em sua autobiografia, registra um processo similar:

"Platônico por condição, passei do conhecimento para o seu objeto: achei que as idéias eram mais reais que as coisas, porque elas eram as primeiras que se davam a mim e porque elas se davam como coisas. Encontrei o universo dos livros. Assimilei, classifiquei, rotulei e estudei, mas ainda comovente, e confundi o caos da minha experiência através dos livros com o errante desenrolar dos acontecimentos reais. Daí meu idealismo que me custou 30 anos para desfazer."

Ao longo da sua vida, Churchill foi uma versátil fonte de idéias. Smuts disse dele: "essa é a razão pela qual Winston é indispensável. Ele tem idéias". A sua imaginação era realmente criativa e se exprimia através de uma fraseologia elaborada que logo ultrapassava os fatos discretos e muitas vezes intransigentes da realidade. Essa a razão pela qual ele sempre tinha de ser refreado pelos seus conselheiros; pelos seus funcionários, quando era secretário do Interior; pelos seus chefes de gabinete, quando era Primeiro-Ministro.

O estilo literário que lhe chamou a atenção a princípio foi o de Gibbon, a quem abertamente imitava. Churchill também devia muito a Macaulay. Não é surpreendente que esses autores o tivessem atraído. Dentre os dois, Gibbon é o mais agudo, o mais realista e o mais equilibrado. Suas orações, belamente estruturadas, têm um interesse especial para o ouvido musical. O extraordinário é que Gibbon não abusou do seu talento literário para distorcer a história ou exprimir seus próprios preconceitos, com a possível exceção da sua intolerância em relação ao cristianismo. Seu "Decline and Fall" foi uma obra-modelo por muitos anos. O mesmo não pode ser dito de Macaulay, que usava a magia das palavras para imbuir os seus leitores de pontos de vistas que amiúde eram extremamente subjetivos.

Churchill sabia que a sua imaginação podia enganá-lo e levá-lo a falsos juízos, mas sempre era possível trazê-lo de volta à realidade, apesar de que isso pudesse tomar horas de discussão. O conhecimento que Churchill possuía de estratégia mili-

tar era considerável, mas a sua imaginação romântica podia interferir nele, o que amiúde o levava a desprezar a lógica do possível. E o fato de que podia vestir suas idéias com uma linguagem magnífica deve ter tornado essas idéias ainda mais convircentes para ele. Churchill era capaz de inspirar-se e inspirar outras pessoas com a magia das palavras, que de fato podem assumir uma vida própria.

Os artistas e filósofos criam mundos que podem ser — e muitas vezes são de fato — substitutos para os fatos decepcionantes e duros da existência humana. Se Churchill não tivesse nascido no seio de uma família aristocrática e de políticos, provavelmente teria se tornado um tipo diferente de escritor. Sendo mínimo o interesse que dispensava aos outros seres humanos, e ínfima sua compreensão da psicologia humana, é improvável que Churchill tivesse se tornado um romancista de caráter. Mas ele poderia ter escrito boas histórias de aventuras, e assim o fez em "My Early Life", livro que, conquanto verdadeiramente autobiográfico, tem por vezes o ritmo e a força de um *thriller*. A imaginação de Churchill, porém, estava fascinada com sonhos de glória militar e de poder político; e por isso, apesar de poder ser classificado como um literato, sua criatividade também achou expressão em imaginativos planos de reforma social, em invenções militares como o tanque, e em concepções estratégicas como a de Gallipoli, por cujo fracasso ele foi tornado bode expiatório.

Mesmo como orador, Churchill continuou a ser essencialmente literário. Como ele dizia de si próprio, "não sou um orador; um orador é espontâneo". Na juventude, sua maior ambição era a de ser um mestre da palavra falada; mas essa foi uma das ambições que ele nunca conseguiu realizar por completo. Apesar de algumas de suas frases terem se tornado imortais, em especial as dos seus discursos de 1940, o seu talento era mais literário do que oratório. Seus discursos eram cuidadosamente elaborados, e muitas vezes decorados; e na juventude ele ficava muito nervoso antes de proferi-los. Faltava-lhe o toque possuído pelos grandes oradores como Lloyd George. E seus cuidados ao preparar seus discursos são outro exemplo da sua extraordinária determinação em vencer suas desvantagens naturais e de vencer apesar dos seus dotes, em vez de fazê-lo através deles.

Um dos mais célebres escritores modernos, George Simenon, disse: "Escrever não é uma profissão, mas uma vocação da infelicidade". Nem todos os artistas têm um temperamento depressivo; mas aqueles que o possuem amiúde utilizam seu talento para defender-se do "Cão Negro" e muitas vezes atravessam um período de depressão assim que concluem uma nova obra. Nesse intervalo, antes de começar novamente, comumente acreditam estarem acabados e que nunca terão uma outra idéia original. Com o passar do tempo, contudo, o impulso criativo geralmente se reafirma. É provável que Churchill utilizasse a literatura como uma defesa contra a depressão que invariavelmente descendia sobre ele toda vez que era forçado a permanecer inativo. Esse mecanismo psicológico é evidente quando consideramos sua pintura. Churchill não começou a pintar senão quando tinha quarenta anos de idade, e o que iniciou essa nova atividade foi um período de desespero. Muitos observadores atestaram a gravidade da depressão que Churchill sofreu após o fracasso da expedição dos Dardanelos, a qual havia iniciado e que o levou à sua renúncia ao Almi-

rantado em 1915. Violet Bonham Carter escreveu: "levou-me à sua habitação e se sentou em uma cadeira — calado, desesperado — de uma forma que eu nunca o tinha visto. Parecia não restar-lhe revolta ou mesmo ira. Nem sequer maltratou Fisher, senão disse simplesmente "estou acabado". O próprio Churchill escreveu nessa época.

"Tive horas de descanso completamente indesejado durante as quais contemplava o desdobramento assustador da guerra. Em um momento em que cada fibra do meu ser estava inflamado desejando agir, eu era forçado a permanecer como um espectador da tragédia, cruelmente instalado na primeira fila. E foi então que a musa da pintura veio em meu auxílio — por caridade e cavalheirismo, pois depois de tudo, ela não tinha nada a ver comigo — e disse: "estes brinquedos são de alguma utilidade para ti? Eles distraem algumas pessoas".

E desde então, a pintura se tornou um grande recurso para Winston Churchill, algo que lhe servia de refúgio em tempos difíceis, algo que invariavelmente prenderia sua atenção e se tornaria um desafio perpétuo.

A psicanálise descobriu há muito tempo a relação entre a agressividade e a depressão, e a dificuldade que o depressivo tem para descarregar seus impulsos agressivos. Apesar de que a atividade criativa freqüentemente contenha um componente de agressividade, isto nem sempre é fácil de discernir. Tampouco pensamos comumente que pintar um quadro ou compor uma sinfonia sejam atividades agressivas. Aqueles que não se convencem com a minha tese deveriam ler o relato que o próprio Churchill faz acerca da sua abordagem de uma tela no seu livro "Painting as a pastime".

"Muito devagar misturei um pouco de azul na paleta com um pincel muito fino e então, com infinita precaução, fiz uma marca do tamanho de uma semente no broquel ofendido. Era um desafio, um desafio deliberado, mas tão suave e hesitante, de fato, tão catalético, que não merecia réplica. Nesse momento, ouviu-se o som de um carro que se aproximava pelo passeio. Dessa carruagem desceu de maneira ágil e leve ninguém menos que a talentosa esposa de Sir John Lavery. "Pintura! Mas porque está hesitando? Dê-me o pincel — o grande". Um salpico na terebentina, bofetões no azul e no branco, florescimento furioso na paleta — que não estava mais limpa — e depois vários golpes e chicotadas ferozes de azul na tela, que estava absolutamente acovardada. Qualquer um podia ver que ela não podia contra-atacar. Nenhuma maldição castigou a airosa violência. A tela sorria, indefesa, ante mim. O encantamento se rompeu. As inibições doentias desapareceram. Apoderei-me do maior pincel e caí sobre minha vítima com insensata fúria. Desde então, não tenho sentido nenhum temor diante de uma tela".

Posteriormente, Churchill compara o pintar um quadro a uma batalha. De fato, esse pequeno livro é uma das coisas mais reveladoras que ele escreveu acerca de si mesmo.

A sua predileção pela linguagem grandiloqüente e apaixonada estava relacionada com necessidade da sua imaginação romantizada de iluminar as trevas às

quais ele podia descender. Sua escolha das cores em sua pintura é rigorosamente análoga.

"Na verdade gosto das cores brilhantes... não posso fingir imparcialidade quanto às cores. Alegro-me com as brilhantes e realmente me entristeço com as desbotadas cores pardas. Quando chegar ao céu, pretendo ocupar parte considerável do meu primeiro milhão de anos pintando e assim esgotar a matéria. Mas ali precisarei de uma paleta de cores ainda mais alegres das que consigo aqui embaixo. Espero que o laranja e o vermelho sejam as cores mais escuras e tristes por lá e que além delas exista uma completa gama de novas e maravilhosas cores que encantem os olhos celestiais".

No jargão psicanalítico, essa é uma "defesa maníaca". A compensação para o obscuro e difuso mundo do depressivo é um reino de ação e emoções permanentes, no qual as cores são mais ricas e brilhantes, intrépidos feitos são realizados por heróis e as idéias são expressas em linguagem similar, posto que é ornada de epítetos, e cintilam nela melífluos arabescos frasais. No seu livro acerca da pintura, Churchill nos proporciona um encantador flagrante do seu mundo íntimo do faz-de-conta. Um mundo onde todas as perspectivas são agradáveis, mas que estão tão longe da realidade quanto o inferno deprimente e desesperador do homem que se sente inútil e "acabado".

A necessidade que Churchill tinha desse reino maníaco se reflete da mesma forma na escolha dos amigos. Os possuidores da Cruz de Vitória o atraíam imediatamente, sem tomar em conta suas personalidades. Isto porque todos eles eram heróis vivos que coincidiam com aqueles do seu mundo íntimo. Assim eram Lorde Birkenhead e Lorde Beaverbrook. Churchill foi um mau juiz de caráter dos outros. Os sóbrios, equilibrados e confiáveis raramente lhe interessavam.

O que ele queria eram pessoas que o estimulassem, distraíssem e entusiasmassem. Lorde Moran anota que Churchill não se impressionava com os muitos doutores discretamente eminentes que lhe eram enviados para vê-lo, mas simpatizava facilmente com quase charlatões, homens com o dom da loquacidade que não se sentiam restritos pela cautela científica. O extrovertido extravagante alegre a vida, apesar de cansativo, ele traz sabor e vitalidade à vida. Homens como Birken Head ajudaram Churchill a encontrar e sustentar o lado da sua própria personalidade.

Em um trecho anterior, anotamos o fato que as pessoas que possuem o tipo de estrutura psicológica de Churchill têm dificuldade em compreender que não são o centro do universo. Por causa da falta de relações próximas — em primeiro lugar com os pais, e posteriormente com as outras pessoas — elas continuam a ser ego-cêntricas. Todo bebê começa sua vida em um estado predominantemente solipsístico. A maioria deles passa para um estado emocional mais maduro, no qual se dá conta não somente que as outras pessoas têm desejos e necessidades, senão que os próprios desejos e necessidades interagem com os dos outros, de modo que tanto pode-se satisfazer como ser satisfeito simultaneamente. A criança que é desprovida desses fatores não forma uma tal conceituação. Isto causa suas exigências descabidas às outras pessoas, mas sem se perguntar se ela pode dar muito a estas. Churchill

era tão generoso em relação aos inimigos que derrotava, mas sempre foi muito exigente e insensível em relação às necessidades dos outros. Seu principal objeto amoroso continuou a ser ele próprio, já que aquele "eu" nunca foi satisfeito na infância.

Os psicanalistas descrevem esse tipo de caráter como "oral", porque é através da boca que as primeiras necessidades do bebê são satisfeitas e, quando não o são, traços orais persistem na sua personalidade, tanto literal quanto metaforicamente. É interessante anotar que, em um dos seus primeiros boletins escolares, Churchill é descrito como guloso. Também se registra que ele foi espancado por roubar açúcar. Através da sua vida, ele precisou de comida a intervalos freqüentes. Era afeito ao álcool sem ser alcoólatra e também um fumante inveterado de charutos. Era ainda ávido pela aceitação dos outros. Seus íntimos sabiam que se ele lhes mostrasse um manuscrito que estivesse fazendo, o que ele queria eram elogios não adulterados pelo menor laivo de crítica. "Você não está do meu lado", seria a admoestação dirigida aos amigos que aventurassem qualquer comentário adverso acerca das suas idéias ou criações. A parte de si que continuava exigindo a aceitação total é livre de críticas que nunca conseguira na infância ainda dividia o mundo em preto e branco, de modo que a amizade e as divergências eram consideradas incompatíveis. Por causa dessa característica, suas relações com amigos também eram livres de críticas. Churchill era extremamente leal. Como disse Brendan Bracken, "ele iria até o fim por um amigo": — e isso mesmo era o que esperava dos seus amigos. Ele continuou a ser ávido pela fama, pela adulação, o sucesso e o poder. E, apesar de haver conseguido tudo isso de forma plena, o final da sua vida demonstrou que ele nunca assimilou esse fato e que continuou insatisfeito.

Diz-se amiúde de Churchill que lhe faltava sensibilidade, isto é, era impassível em situações que sensibilizavam as outras pessoas. Há várias anedotas que revelam suas pouco perspicazes ofensas às pessoas em ocasiões formais, já fosse negligenciando-as ou não tomando conhecimento das suas presenças. Esta impermeabilidade em relação ao meio é característica do narcisista que, como uma criança, ainda vive em um mundo pessoal e que somente toma conhecimento das outras pessoas na medida em que estas satisfazem suas necessidades. É de esperar que as crianças sejam egoístas e que pretendam obter satisfação para si próprias, sem importarem-se muito com os sentimentos alheios. Churchill manteve estas características até à idade adulta e isso está diretamente relacionado com suas primeiras privações. Porque os "egoístas" são aqueles que nunca tiveram o suficiente. Somente a criança cujas necessidades emocionais foram satisfeitas é que pode posteriormente dar tanto quanto recebe. Churchill disse de si próprio muito precisamente: "Devotei mais tempo à auto-expressão do que à autodisciplina". Se ele tivesse sido menos egocêntrico, não teria conseguido tudo o que conseguiu, se tivesse sido mais disciplinado, não teria sido tão inspirador.

Discutimos com algum detalhe os métodos de que Churchill se servia para evitar a recaída na depressão que o tangia e contra a qual, como disse Lorde Moran, ele vinha lutando, ao longo da sua vida. Talvez a mais surpreendente característica da psicologia de Churchill seja a de que, em geral, as defesas que usava contra a de-

pressão tivessem tanto êxito. Apesar de ter sofrido longos períodos de depressão na juventude, seus métodos de tratar dessa deficiência podem ter resultado no fato de que, na sua vida posterior, ele pôde de maneira geral safar-se dos abismos depressivos e não permitiu que a depressão o sobrepujasse até à velhice. Aqueles que o conheceram intimamente durante seus anos na selva da política poderão descrevê-lo de modo diverso. Há alguns indícios de que ele bebeu mais durante esse período. Mas, a partir da evidência escrita disponível no momento, o êxito com que enfrentou o seu próprio temperamento é extraordinário. De fato, é muito provável que alguns daqueles que estiveram relativamente próximos a ele nunca tenham se dado conta de que ele era propenso à depressão.

No começo deste ensaio, sugeri que a relação entre o grande desempenho e o temperamento depressivo merecia mais atenção do que até agora tem-se lhe dedicado. Na prática psiquiátrica, não é nada raro encontrarmos homens de grande habilidade e dinamismo que conseguiram muito mais sucesso do que a média dos seus contemporâneos e que se supõem serem, se não obrigatoriamente felizes, pelo menos livres de qualquer tipo de problema neurótico. Exteriormente esses homens parecem ter maior confiança em si mesmos do que os outros. Muitas vezes eles inspiram seus subordinados, dão o exemplo pelo seu enorme apetite pelo trabalho e parecem possuir uma vitalidade inextinguível. Aqueles que os seguem vêem estes líderes como seres super-humanos e simplesmente desejam sua energia sem parar para questionar o que os motiva. Sem embargo, qualquer pessoa que tenha se aventurado pelos corredores do poder sabe que os extremamente ambiciosos são muitas vezes também muito vulneráveis; que o magnata pode perder-se se sua corte o abandona e que as relações pessoais e emotivas dos que perseguem o poder muitas vezes são tristemente deficientes. A ambição, tomada isoladamente, pode ser um traço do caráter que meramente reflete o desejo de um homem por encontrar um âmbito adequado para suas capacidades. Ela também pode ser uma força demoníaca, que leva o indivíduo a obter mais e mais sem nunca brindar-lhe, no entanto, a satisfação e paz, não importando os êxitos obtidos. O grau ao que as pessoas muito bem sucedidas conseguem esconder de si mesmos e dos outros que eles são seres atormentados é extraordinário. É muitas vezes a verdade somente aparece no consultório. Alanbrooke, preocupado com a guerra e com a enorme responsabilidade que lhe cabia, ficou satisfeito ao desincumbir-se do seu fardo e retirar-se a uma felicidade doméstica e à ornitologia. Por outro lado, Churchill era refratário a abandonar o poder, apesar do fato que já em 1949, após seu primeiro ataque, alguns médicos opinaram que ele não deveria tentar ocupar cargos de responsabilidade. Não tenho dúvidas quanto a quem, entre esses dois homens, era o mais feliz e o mais equilibrado. Sem embargo, como ele mesmo teria admitido, Alanbrooke nunca teria liderado a nação da maneira que o fez Churchill.

O fim da longa vida de Churchill é melancólica. De fato, foi em verdade uma tragédia que ele tivesse vivido até uma idade avançada. Moran diz que, depois de 1955, o ano em que se retirou, "Winston pouco fez para esconder seu desapareço pelo que lhe resta da vida", e continua dizendo que "os historiadores poderão concluir que isto revela uma certa fraqueza moral". Qualquer historiador que conclua

algo assim, porém, estará simplesmente demonstrando sua ignorância da medicina. Isto porque a arteriosclerose cerebral — doença que afligia seriamente a Churchill — não somente atrofia a força de vontade, como diz Lorde Moran. Ela também torna inoperantes os mecanismos de defesa com os quais o homem comumente enfrenta suas dificuldades de temperamento. Na velhice, as pessoas se tornam até certo ponto caricaturas de si mesmas. Os desconfiados tornam-se paranóicos, os intolerantes mais irritáveis e os depressivos menos capacitados para fugir aos “pântanos do desespero”. Moran conclui seu relato cinco anos antes da morte de Churchill porque achou por bem “omitir os dolorosos detalhes do estado de apatia e indiferença em que ele caiu após a sua renúncia”. Acredito que ele, como médico, agiu corretamente. Moran registra que Churchill deixou de ler, falava muito pouco e se sentava por horas a fio diante da lareira, no que deve ter sido uma manifestação de estupor depressivo. As especulações sobre os detalhes psiquiátricos e médicos do final da vida de Churchill teriam exposto Moran a maiores críticas dos seus colegas das que ele recebeu de qualquer maneira. Mas o fato de o “Cão Negro” finalmente ter vencido o ancião cujo cérebro não conseguia mais funcionar corretamente, por causa da sua deficiente irrigação sangüínea, não pode senão aumentar nossa admiração pela forma em que este ancião lutou com sua deficiência. Isto porque, de fato, ele suportou uma carga temperamental extraordinariamente pesada.

É neste ponto que a análise psicanalítica revela sua inadequação, já que apesar de acreditar que a evidência demonstra que as conclusões a que cheguei são justificadas, ainda não podemos explicar a admirável coragem churchiliana. Durante sua vida, ele sofreu muitos reveses; desapontamentos que poderiam ter magoado e derrotado mesmo alguém que não fosse afetado pelo “Cão Negro”. Contudo, sua firme determinação, sua elasticidade e sua coragem lhe permitiram vencer o seu inimigo íntimo até à velhice, do mesmo modo que venceu os inimigos do país que tanto amou.

Tivemos oportunidade de comentar acerca do “mundo íntimo do faz-de-conta” de Churchill. Nele, diz Moran, ele encontrava a realidade. Durante uma parte da sua vida, ele foi afortunado. De fato, em 1940, seu mundo íntimo do faz-de-conta coincidiu com os fatos da realidade exterior de uma forma que raramente acontece com uma pessoa. É uma experiência que se assemelha com a paixão, quando o objeto do desejo de um homem parece coincidir exatamente com a sua imagem de uma mulher ideal. Em 1940, Churchill se tornou o herói que sempre sonhou ser. Foi o seu melhor período. Nos tempos sombrios, quando o que a Inglaterra precisava não era de um líder sagaz, equilibrado e confiável. Necessitava de um profeta, um visionário heróico, um homem que pudesse sonhar com a vitória mesmo quando tudo parecesse perdido. Esse homem foi Winston Churchill. E suas qualidades de inspirador se deviam à força dinâmica do romântico mundo de fantasia no qual ele encontrava o seu verdadeiro ser.